

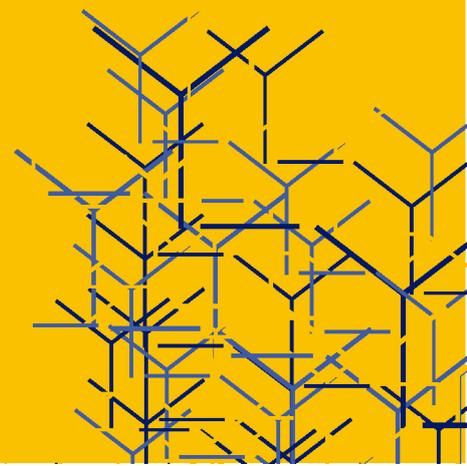
Entrevista com o Professor Doutor Jorge A. Gonzalez

Jorge A. Gonzales é o fundador da linha de pesquisa em Comunicação, hegemonia e culturas subalternas da Universidade Nacional Autônoma do México, na qual atua junto ao Centro Interdisciplinar de Ciências e Humanidades. Publicou, ao longo de sua carreira, trabalhos sobre comunicação e religião popular, metodologias de pesquisa, estudos pontuais sobre histórias de família, cibercultur@ entre outros. Coordenador do Laboratório de Investigação e Desenvolvimento em Comunicação Complexa. Trabalha, sob a perspectiva de Daniel Bertaux, com histórias de vidas familiares. Sua obra já foi traduzida para o inglês, italiano, francês, catalão, galego, português e alemão.

Entrevista realizada por Professora Doutora Míriam Cristina Carlos Silva e Professora Doutora Monica Martinez

Míriam Cristina Carlos Silva é doutora em Comunicação e Semiótica. Professora do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e colíder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas - NAMI, desenvolve pesquisa sobre "As representações poéticas da morte nas narrativas midiáticas", amparada pela Fapesp.

Monica Martinez é doutora em Ciências da Comunicação. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas - NAMI, desenvolve pesquisa sobre narrativas e sistemas midiáticos transnacionais amparada pela Fapesp.



Tríade: Como e quando surgiu seu interesse no âmbito da pesquisa em comunicação? Nestas décadas, quais as mudanças no campo da comunicação? Em sua opinião, foram positivas ou negativas?

Jorge A. Gonzales: No currículo de comunicação da Universidade Ibero-americana da Cidade do México, em meados dos anos setenta. Foi o primeiro currículo no México que oferecia a especialidade de Pesquisa em Comunicação. Ainda que eu não tenha seguido por essa via, mas sim por haver aprendido com os primeiros professores que regressavam de seus doutorados com formação nesse tema, em algumas das melhores universidades dos Estados Unidos, pude fazer minha subárea complementar em sociologia da cultura e da educação. Impôs-se no México a investigação de audiências e efeitos da televisão, mas ao mesmo tempo, recebemos um fluxo de acadêmicos e investigadores exilados pelos processos de ditaduras de vários países da América do Sul (Paraguai, Bolívia, Uruguai, Argentina, Chile, Brasil, Guatemala). Minha geração, em especial dentro de minha formação na Universidade Ibero-americana, teve uma sorte imensa que talvez outras não tiveram.

Tríade: E seu interesse pelo Brasil? Como se estabeleceu a parceria com pesquisadores brasileiros?

Jorge A. Gonzales: Minha primeira relação com pesquisadores do Brasil se deu no Congresso de Interamericanistas, em Bogotá, 1985, quando conheci José Marques de Melo, que se interessou por minha apresentação sobre ex-votos e comunicação popular no México. Como estávamos iniciando o Programa Cultura na Universidade de Colima, o Prof. Marques de Melo participou como convidado no seminário que organizamos durante todo o ano. Nele, participaram Miquel de Moragas Spá (Barcelona), Graham Murdock (Leicester), Robert Fossaert (França), Jesús Martín (Colômbia) e pelo Brasil, Marques de Melo. Foi a forma de colocarmos em dia a investigação internacional sobre cultura e somente a partir daí é que nos interessava a comunicação. Como uma de minhas paixões no trabalho sempre foi a metodologia dos estudos empíricos (que aprendi tanto de meus bons professores positivistas, como dos críticos), minha primeira incursão no Brasil foi precisamente para apoiar metodologicamente um projeto de comparação entre o sistema de comunicação brasileiro e o mexicano. Assim visitei São Paulo pela primeira vez em novembro de 1988.

Tríade: Do ponto de vista do sujeito, objeto, metodologias e marcos teóricos emergentes, na sua opinião, quais são as convergências entre a pesquisa mexicana e a brasileira, no campo da comunicação, hoje? Há um potencial de crescimento?

Jorge A. Gonzales: A pesquisa em comunicação não é minha especialidade, como menciono lá atrás. Creio que o campo de estudos de comunicação no Brasil está muito mais desenvolvido e tem uma coerência organizacional sem parâmetro algum com o que se passa no México. Observo uma convergência de anos nos processos de comunicação popular e comunitária, talvez o interesse pelo ciberespaço, mas amplitude e variedade, a capacidade

de auto-organização e os resultados desse trabalho coletivo no Brasil são enormes. Isso não ocorre em minha opinião no México. Porém temos muitos problemas em comum, em várias escalas. Nos organizar para definir esses problemas e as formas de nos organizar para gerar conhecimento mínimo necessário para entendê-los já é uma forma de tomar posição. Quem dera se houvesse muitas iniciativas!

Triade: Como definiria o papel da narrativa na pesquisa em comunicação?

Jorge A. Gonzales: Tem um papel importante em várias disciplinas, mas salvo poucas iniciativas, a história oral e suas exposições narrativas, não tenho registro de que hajam feito um trajeto importante dentro do campo. Em muitos dos projetos desde a fundação do Programa Cultura em Colima e nas ações da Rede de Investigação em Comunicação Complexa (RICC) e a rede de Investigação em Comunicação e Juventude (RICJ) a narrativa tem sido e continua sendo muito importante. Não conheço a fundo se no campo da comunicação no México este seja um recurso importante.

Triade: Quais são as metodologias que o senhor utiliza para a análise e a produção de narrativas?

Jorge A. Gonzales: Na realidade opero com uma estratégia aberta que aprendi desde a minha formação inicial com Gilberto Giménez e reafirmei depois com outros colegas: a etnosociologia. Uma estratégia baseada na construção de histórias de vida e histórias de família, a base de entrevistas que, junto com a etnografia, a observação direta e outras formas de trabalho dialógico me acompanharam em todo meu trabalho empírico durante minha formação.

Triade: O senhor possui uma ampla experiência no método dos relatos de vida, na perspectiva do pesquisador francês Daniel Bertaux. Quais são as fortalezas e fragilidades deste método? Em que casos o senhor recomendaria seu uso?

Jorge A. Gonzales: A proposta de Bertaux é muito interessante, não só por sua capacidade de gerar relatos de vida e família que resultam em uma janela para observar a totalidade dos processos que conformam a sociedade, senão porque são a consequência lógica de sua perspectiva antroponômica. Esta se interessa pelos processos de estruturação e desestruturação das estruturas de produção, distribuição e consumo de energia humana para gerar “pessoas”, quer dizer, corpos e mentes dentro de uma sociedade. Desafortunadamente, esta perspectiva ficou sepultada logo depois de sua aparição em 1977 por efeito dos movimentos próprios e da lógica de dominação do campo científico francês. Eu descobri o trabalho conceptual da dimensão antroponômica da vida social precisamente por me adentrar na perspectiva metodológica de Bertaux em 1995.

Triade: Há outros pontos de contato de sua pesquisa em comunicação com o pensamento comunicacional francês?

Jorge A. Gonzales: Muito escassos, porque minha área de trabalho não se circunscreveu aos estudos da comunicação. Por exemplo, minha perspectiva sobre os trabalhos de Armand Mattelart, a partir do meu trabalho na Universidade Autônoma Metropolitana, foi sempre muito crítica, não pela própria crítica que seus estudos pioneiros apontaram, senão por sua fragilidade metodológica.

Triade: Além da familiaridade com a investigação francesa e brasileira, o senhor também transita entre os pesquisadores da comunidade anglófona. Como vê o diálogo entre estas diferentes culturas da pesquisa científica? Quais são os pontos de tensão contemporâneos e as oportunidades de crescimento para cada comunidade, se este intercâmbio ocorre de uma maneira dialógica?

Jorge A. Gonzales: O diálogo, para mim, opera somente sob uma rigorosa perspectiva epistemológica, que como sempre disse, baseia-se nos trabalhos de Jean Piaget e de Rolando García, é dizer, na epistemologia genética, construtivista ou científica, como costuma ser chamada. É isso porque não importa muito em que idioma ou tradição são construídos os avanços e as teorias sobre o mundo social (e dentro dele, a cultura e a comunicação), senão a forma como podem me servir para entender processos de transformações de estruturas enquanto operam como as matrizes que geram as características e propriedades dos objetos que estudamos.

Triade: As narrativas se baseiam no tempo e na sociedade a que pertencem. Na sua opinião, qual é a relação entre a pesquisa em comunicação e a cultura?

Jorge A. Gonzales: Parece-me que não podem se separar. Todo processo cultural pode ser entendido, ao menos em parte, como um processo de comunicação, todo processo de comunicação humana pode ser concebido como um processo cultural, ambos têm suas próprias especificidades que de forma metodológica e analítica permitem separá-los para voltar a uni-los, precisamente com a narrativa.

Triade: Qual a sua percepção acerca do olhar dos pesquisadores do Brasil e do México para as chamadas culturas tradicionais? O que os resultados das pesquisas têm demonstrado, sobretudo tendo-se em conta as transformações contemporâneas das tecnologias de comunicação e informação?

Jorge A. Gonzales: Em ambos os países durante muito tempo os estudos das chamadas culturas “tradicionais” foram assumidos pela etnologia, pela antropologia, o folclore. Sem embargo, por efeito das dinâmicas sociais nos diferentes níveis de organização da realidade, o que se considerava tradição se fez cada vez mais complexo. Creio que dentro do que vejo como uma cultura da organização coletiva, no Brasil há iniciativas muito importantes e plenamente organizadas sobre o estudo dos movimentos sociais e a cidadania, a comunicação comunitária, a folkcomunicação, e sem dúvida a importante tradição antropológica que estuda a intrincada densidade social, histórica, pluriétnica e aberta das culturas contemporâneas do

Brasil. Não conheço um processo com este tipo de vocação de estudo organizado dentro e fora das universidades no México.

Triade: Quais são as principais dificuldades encontradas pela área de comunicação dos pesquisadores de seu país? Como conseguir visibilidade e impacto em um cenário no qual a língua franca da atualidade é o inglês?

Jorge A. Gonzales: Acho que o principal desafio é a atomização e a (in) comunicação, ou escassa coordenação entre os agentes que operam no campo. É algo que a atual sociedade mexicana manifesta como uma característica: a grave dificuldade de se organizar para fazer melhor as coisas. Sobre a visibilidade e o impacto, pessoalmente creio que não é importante buscar o fator de impacto das publicações, senão a transformação das sociedades que estudamos. Para as revistas chamadas “de impacto internacional”, não lhes importa publicar os resultados nem as teorizações sobre os agricultores familiares de Borborema, nem sobre os relatos de vida dos fundadores da COPAVI em Paranacity (Brasil), nem dos pastores pobres em Charcas, México. Não são temas que importem a elas e isso de repente se transforma em norma para financiar estudos e pesquisas nas políticas públicas no Brasil e no México. Então teremos não somente que seguir investigando para gerar conhecimento sobre nossos próprios processos e suas imbricações com outras escalas de fenômenos, senão penso claramente que o conhecimento de que necessitamos para atuar na modificação de nossas sociedades, não vive e nem sobrevive no que chamo de “peiperismo” (paperism). Sigo com outros colegas teimosos em fazer ciência em espanhol, em português, em italiano, em galego, em catalão etc.

Triade: Poderia comentar seus projetos e pesquisas em andamento?

Jorge A. Gonzales: Estou estudando a dimensão simbólica dos sistemas alimentares, entendidos como sistemas complexos. Isto implica a organização de uma equipe multidisciplinar que seja capaz de gerar um marco epistêmico comum (uma tomada de posição frente ao problema) que gera perguntas sobre o que deve ou não deve ser investigado; um marco conceptual (que não pode isolar a alimentação da nutrição, nem da política pública, nem da educação, nem da agnotologia comunicacional, nem da cultura, nem do sistema produtivo entendidos todos como subprocessos que estão por trás da epidemia de obesidade e enfermidades crônicas e degenerativas de que padece meu país. Uma vez avançado o estudo, de imediato nos ocuparemos em facilitar o avanço de pequenas comunidades emergentes de conhecimento alimentar (que não é mais que uma janela complexa para olhar a totalidade dos processos sociais que estão por trás deste gravíssimo problema). A aproximação dos sistemas complexos, que é uma derivação concreta da epistemologia genética, não se faz sobre enteléquias, senão sobre problemas complexos, quer dizer, frente a problemas que uma disciplina, ou um estudo, que somente justaponha diferentes variações disciplinares sobre um tema, não alcança, nem teorizar adequadamente, e muito menos a estudar empiricamente, porque não há como tornar inteligíveis suas propriedades, suas estruturas e em especial, seus processos de transformação,

adaptação, vulnerabilidade e resiliência. Ao mesmo tempo, este ano fecho o trabalho intenso e demorado de pesquisa e desenvolvimento da cibercultur@ no semiárido do centro-norte do México.

Triade: Que contribuições acredita que estudos em comunicação com este olhar devem proporcionar à comunidade científica internacional?

Jorge A. Gonzales: É questão de tempo e de densidade progressiva de organização. O estudo de algum problema como se fosse um sistema complexo tem, apesar de sua cada vez maior visibilidade como opção atrativa (sexy) na retórica cientificista das políticas do setor, muitos problemas. Talvez um dos mais importantes é que normalmente o projeto consiste em pesquisar o que é, e o que há, para pesquisar. É dizer, a pesquisa termina não com as respostas, senão com melhores perguntas sobre o que consideramos como um problema. Não trabalhamos com temas. Quais são os problemas de comunicação que enfrentam as sociedades como a mexicana ou brasileira? Precisamos de diagnósticos profundos, mas com a visão de futuro.

Triade: Qual é o impacto da política pública sobre a produção do campo da comunicação global, e em particular, nos países vizinhos como o México, tendo em vista a recente presidência dos Estados Unidos, com viés nacionalista, que afeta a noção de alteridade?

Jorge A. Gonzales: É cedo demais para se pronunciar de maneira séria sobre este ponto. A relação com os Estados Unidos ou com a Guatemala tem suas próprias dinâmicas que podem ser aguçadas por um estilo presidencial ou outros, mas no fundo vem de longe e está imbricada em uma gama ampla de processos que nenhum louco pode simplesmente fazer desaparecer. Na verdade, já temos vários indícios de que a indolente e irracional ignorância do referido tecido não conduz a soluções inteligentes.

Triade: Em sua opinião, quais são as frentes abertas que se podem buscar em uma perspectiva contemporânea para os próximos anos no campo da comunicação nos países latino-americanos, especialmente no Brasil e México?

Jorge A. Gonzales: Antes mencionei que creio que poderia funcionar uma estratégia de levantarmos problemas concretos que tenham consequências concretas e que afetam de diversos modos aos dois países, às duas sociedades, às duas comunidades científicas. Conversar sobre os problemas para tentar defini-los nos abre um espaço de diálogo sobre o passado, o presente e o futuro que necessitamos.

Triade: Pergunta aberta: gostaria de falar alguma outra coisa com a comunidade científica brasileira, que não tenha falado anteriormente?

Jorge A. Gonzales: Creio que temos muitas coisas em comum e muitas outras, não. Mas nos aproximarmos para organizar iniciativas para as quais temos em comum me parece o mais importante para suceder. Por essa razão visitei pela primeira vez este belo e contraditório

país.

Triade: Por último: qual é o maior desafio para um investigador mexicano, quando este precisa fazer investigações de campo e oferecer cursos e conferências fora de seu país?

Jorge A. Gonzales: O maior desafio para um pesquisador mexicano eu não poderia dizer, assim sem mais. Mas para mim, que sou um pesquisador mexicano, é trabalhar com muita qualidade, mas não para galgar a minha posição dentro do campo, em escala mundial, senão trabalhar sem descanso para que nosso país mude, melhore para o bem dos milhões de pessoas que seguem pagando energicamente os custos do desastre no qual a política de globalização imposta nos ocasionou, em todas as esferas da vida social e simbólica. E entender que isto não se consegue de forma absoluta, porque existem múltiplas formas de resistência que não passam, nem passarão pela conduta aspiracional do peiperismo para o impacto internacional de “nossos” conhecimentos.

Triade: Como, ao longo dos anos, o senhor tem conciliado sua vida pessoal com as exigências da vida profissional?

Jorge A. Gonzales: Nunca estiveram separadas. Dedico-me com paixão ao conhecimento científico, com todo o rigor possível, mas ao mesmo tempo entendo que não vamos mudar o conhecimento sem mudar as formas sociais em que nos organizamos para gerá-lo e fazê-lo, a sociedade também pode mudar. Sigo com muitas outras paixões que constroem vínculos em minha vida que não passam pela ciência, mas pela emoção compartilhada, a música, a cordialidade, a convivialidade, a conversação e o cultivo do assombro, não somente pelos níveis de decomposição a que chegou a sociedade mexicana (sempre pode ser pior), senão por todas as capacidades de construção de vínculos e redes de vida, de esperança e de colaboração: cozinhar, conversar, cantar, comer, beber, celebrar, comemorar, amar são tanto ou mais importantes que meu trabalho científico. Não busquei ser um cientista melhor, senão uma pessoa melhor, um ser para outros. Por isso sou pesquisador, por isso sou músico, por isso sou pai, esposo, filho, irmão e avô, com a plena convicção de que na realidade não sou, senão que vou sendo com outras e outros, com a plena vontade de fazer-nos, muitos nós.

Miriam Cristina Carlos Silva
Monica Martinez